Pinacoteca com o melhor da arte espanhola atual

CARLOS VON SCHMIDT

"Linha, Espaço e Expressão na Pintura Espanhola Atual", é uma mostra ampla e abrangente das várias tendências que dominam as artes plásticas da Espanha contem-

porânea.

Ampla no que tange ao número de artistas, 56, e ao de obras, 108. Abrangente, no que concerne às variadas escolas, aos múltiplos "ismos" de ontem, de hoje e aos prováveis de amanha. "Linha, Espaço e Expressão" está em São Paulo, na Pinacoteca do Estado (avenida Tiradentes, 141), até o dia 7, depois de ter sido apresentada no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro e na Galeria de Arte da Fundação Cultural do Distrito Federal, em Brasília.

Organizada pelo Instituto de Cooperación Iberoamericana, coordenada por Luiz Gonzáles-Robles, várias vezes comissário da Espanha nas bienais de São Paulo, coadjuvado pelo crítico de arte espanhol José Maria Iglesias, a mostra, verdadeira minibienal, heterogênea e veclética, surpreende pela riqueza das propostas. Inspiradas composições cujas raízes encontram-se em virtuosos retratos de Goya, contrastam com obras cujo traço rápido, de efeito, de impacto, origina-se indubitavelmente nas histórias em quadrinhos.

n' Figurativos, abstratos, preenchem o extenso leque de posssibilidades que o realismo, o surrealismo, o impressionismo, o expressionismo, o geometrismo e outros "ismos" passados e recentes oferecem, desenvolvendo propostas que se caracterizam por maior ou menor acerto.

Algumas, nem sempre originais, coincidentemente semelhantes a butras encontráveis em São Paulo, Buenos Aires, Bogotá, Caracas e Nova York, demonstram que a tese da aldeia global do senhor McLuham em matéria de artes plásticas não só é. inviável como tremendamente monôtona e insonsa.

A tautologia ou a diluição pura e simples que marca grande parte da produção artistica contemporânea, é fácilmente visível nesta mostra em que 70% dos expositores nasceram nas décadas de 40 e 50.

Esta, porém, não é a tônica dominante. Seria desastroso, se fosse.



Uma das obras de Dario Villalba.

Felizmente não é. Há, entre estes 56 artistas, alguns poucos, talvez não cheguem a 10, cujo discurso original. foge a estereotipada produção artistica atual. Vejamos: Juan Carceles é um jovem artista. Tem 20 anos. No entanto sua pintura, de excelente factura, está à altura de alguns dos mestres que o Museo del Prado abriga. Não há exagero nesta observação. A pintura de Carceles resiste às análises mais exigentes. No contexto desta mostra, irregular, é singular na sua originalidade. A poesia e o lirismo que emanam de suas obras, revelam um romântico que teria feito as dellcias de Chateaubriand ou Baudelaire.

Diametralmente oposto aos ideais românticos de Carceles, o veterano Echauz, 54 anos, opõe a crueza surreal de seus seres sem cabeça, amarrados por suspencórios que nos fazem pensar na Espanha de Franco. Esta lembrança triste e amarga é reforçada por nosso velho conhecido da 7.ª e 12.ª Bienal Internacional de São Paulo, Dário Villalba. Em 73, a obra de Villalba, terrivel denúncia da opressão e repressão franquista, grangeou-lhe o Prêmio Internacional

da Bienal de São Paulo. Hoje, embora os tempos sejam outros na Espanha de Don Juan, Villaiba continua a trágica denúncia. Suas duas técnicas mistas, datadas de 1980, são sem dúvida, algo para se refletir.

Não tão óbvio quanto Villalba, mas nem por isto menos contundente, Luiz Saez, nascido em 1925, acrescenta com sua pintura tecnicamente perfeita e ideologicamente comprometida, um grito a mais contra a violência que caracteriza as ditaduras. Não importa se de direita ou de esquerda, camufladas ou não. Toda vez que os instrumentos do poder_transformam-se em instrumentos de tortura, quase sempre cabe ao artista a denúncia dessa mimetismo indisfarçavel. Ao fazê-la, Saez preenche todos os requisitos.

Lorenzo Tardon, 44 anos, é outro artista, cuja pintura essencialmente preocupada com homem, revela um mundo em que homens-máquinas e máquinas-homem, vivem a terrível solidão de seres incapazes de se comunicarem. A agresividade das cores reforçam essa impossibilidade, criando um clima estranho, pesado, como se o tempo estivesse paralisado para sempre, em um pesadelo infinito.

Os ambientes de Maria Helena Gago são muito particulares. Insólitos, mesmo. Banhados por luz diáfana, possuem atmosfera de irreal materialidade. Assépticos, na mais perfeita ordem, parecem cenários, vazios. A frieza destas cenas em que o homem está ausente, amedronta. A artista tem 40 anos.

Para encerrar, dois artistas, ambos com 27 anos, Sofia Madrigal e Anton Lamazares, chamam a atenção. A primeira com uma pintura leve, solta, obtem com um mínimo de elementos resultados plásticos consideráveis. Na pintura do Madrigal há aquele toque dos desenhos e pinturas infantis, reciclados e desenvolvidos por Klee. Em Lamazares esta intenção também está presente, porém manifesta-se através de uma linguagem muito próxima das estórias em quadrinhos.

Resumindo, esta exposição demonstra que, em matéria de artes plásticas, nada temos que aprender "la haut". Precisamos apenas tomar conhecimento e consciência disto. Nada mais.